HISTÓRIOGRAFIA LINGUISTICA E ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Jarbas Vargas Nascimento (PUC-SP)

Nesse ensaio, temos como finalidade explicitar como a Historiografia Lingüística (HL), disciplina em consolidação no campo teórico dos estudos da linguagem, pode oferecer contribuições efetivas para o ensino e a aprendizagem de Língua Portuguesa tanto no ensino básico como no superior. Na atualidade, sabemos que as teorias lingüísticas buscam relacionar suas propostas teórico-metodológicas com a realidade da sala de aula, com o intuito de promover diálogo entre os aspectos teóricos e a prática pedagógica.

Justifica-se nosso estudo, na medida em que observamos que o ensino de língua materna, de modo particular nos níveis fundamental e médio, nem sempre privilegia a historicidade da língua e nem inclui procedimentos metodológicos que abordem a leitura, a produção textual, a gramática e a literatura vinculadas à formação histórico-lingüística dos educandos. Por isso, dado o caráter interdisciplinar da HL, que, *in essentia*, opera uma articulação entre a Lingüística e a História, o enfoque que daremos aqui impõe uma valorização dessas áreas, pois a prática da sala de aula exige dos alunos a operacionalização de competências e habilidades que reforcem outros aspectos do ensino de Língua Portuguesa, além daqueles calcados na norma gramatical.

A HL apresenta-se, conforme Konrad Koerner (1995, 1996), como uma maneira de reescritura de fatos da história da língua, por meio de princípios. Nascida em decorrência do desenvolvimento da Lingüística Histórica, a HL se constitui como disciplina emergente no âmbito da Lingüística e concebe a língua como prática social e lugar de concretização das dimensões históricas, culturais e identitárias de um grupo social.

Desde a década de 1970, têm acontecido debates em torno de questões que envolvem a língua inserida em determinado período ou em fases de mudanças, condicionadas por fatores socioculturais que estabelecem relações entre ela e a história. Impulsionados pela noção de paradigma colhida, inicialmente de forma distorcida, da obra de Thomas S.Kuhn (1962), *A Estrutura das Revoluções Científicas,* alguns pesquisadores tentaram construir um quadro epistemológico em que se incluíssem questões históricas e historiográficas da língua. As discussões

incentivaram eventos culturais internacionais e produziram efeitos produtivos sobre as teorias de linguagem. Entretanto, todo esse esforço não permitiu a constituição de uma metodologia para a HL.

Talvez seja exatamente a adoção da interdisciplinaridade pretendida pelo novo paradigma das ciências, na década de 1970 e ainda em vigência em nossos dias, o grande desafio para a consolidação da HL. Ainda que integrada à vida científica, a noção de interdisciplinaridade carece, ainda, de uma clarificação e conseqüente afirmação no interior da História Intelectual, a fim de que não fique no esquecimento e dificulte ao pesquisador o diálogo possível entre as áreas de conhecimento.

As mudanças sociais fundamentam-se no contexto histórico e estão correlacionadas às mudanças que ocorrem na língua. Pela exigência de um procedimento interdisciplinar em HL, torna-se possível conciliar perspectivas teóricas, históricas, socioculturais e pedagógicas e agregar valores no processo de compreensão e interpretação do documento. Este dado faz com que o pesquisador construa, a partir de cada ciência, um determinado modo de agir, assuma conceitos e metodologias próprias a elas, armazene informações históricas acerca do desenvolvimento humano e científico, o que redunda em certa complexidade de seu trabalho e em várias historiografias lingüísticas. Não pensamos que deva haver uma única abordagem em HL, isto é, uma exigência de homogeneidade na forma de tratamento histórico da língua, o que, aliás, seria até anticientífico.

A HL, de acordo com que entendemos, parte do princípio de que a língua, como produto histórico-cultural, torna-se simultaneamente veículo e expressão de dados socioculturais que pressupõem um olhar histórico. O fato de voltar ao passado por meio da reatualização dos dados impressos nos documentos conduz-nos a compreender o sentido primeiro e a produzir uma interpretação do homem e do passado. Neste sentido, a HL permite-nos sistematizar lingüisticamente os dados do passado, tornando-os memória, ao mesmo tempo em que se abrem ao homem para reconstituir no/pelo documento os fatos passados, impossíveis de reconstituição pelo processo de rememorização. É importante afirmar que, pela HL, podemos conhecer melhor aquilo que faz do homem um ser sócio-histórico, capaz de depreender o que está materializado no documento e, por sua experiência atual, reconhecer melhor os elementos da realidade passada e compreender mais profundamente a si mesmo, a realidade em que vive e programar-se para o futuro.

Por isso, não basta ao historiógrafo da língua conhecer bem e adequadamente a Lingüística. Além desse domínio específico, faz-se indispensável que tal pesquisador tenha conhecimento profundo da história intelectual e apreenda as contribuições de outras áreas, a fim de exercer, com eficiência, seu ofício.

Não seria exagero afirmar aqui que a consolidação das bases da HL, cujo campo anseia pela reconstituição do passado materializado em documentos escritos e pela descrição e explicação das continuidades e regularidades observadas na história da língua, impõe, segundo K.Koerner (op.cit.: 36), *grande demanda de preparo intelectual, amplitude de escopo e profundidade de saber, exigindo um conhecimento quase enciclopédico da parte do pesquisador, dada a natureza pluridisciplinar dessa atividade*.

Mais do que isso, ao buscar a interpretação do documento na perspectiva que estamos afirmando, o historiógrafo da língua deve saber que sua especificidade não se prende somente à materialidade lingüística do documento, lugar onde se organiza e se enquadra um modo de compreensão da realidade, mas também se estende ao território do contexto intelectual, espaço extralingüístico por meio do qual se pode chegar ao conhecimento do histórico e do social. Para isso, faz-se necessária, além daquelas competências, a capacidade de síntese e de seleção, bem como formação intelectual adequada para interpretar fontes primárias.

Pela necessidade de integrar a HL no interior das tendências da Lingüística contemporânea e consolidar uma epistemologia adequada à investigação nessa área, buscou-se um modo de abordagem de língua, privilegiando sua dimensão histórico-social, no mesmo instante em que se quebra a dicotomia sincronia/diacronia para considerar essa oposição apenas um ponto de vista metodológico. Por um lado, em HL torna-se possível fazer um recorte no processo de mudança que sofre a língua, a fim de apreendê-la em sucessivos espaços de tempo em que alterações e regularidades são perceptíveis em determinados estados de língua. De outro lado, a oposição continuidade vs descontinuidade não se constitui como dois estados divergentes, mas convergentes e direcionam o exame e a interpretação das marcas lingüísticas no contexto de sua história. Trata-se de uma atividade que faz do historiador um lingüista e do lingüista um historiador, ambos voltados para a compreensão do homem. Esta bifurcação dialógica deixa transparecer o modo como a HL opera a produtividade lingüístico-histórica na interpretação do documento e abre-se ao ensino, tendo em vista que o estudo do

texto impresso no documento efetiva-se nas possibilidades lingüísticas nele atualizadas.

Levando-se em conta que o homem busca constantemente explicações para as mudanças que se operam na língua, faz-se necessário que se considere, por conseguinte, a língua não como sistema fechado em si mesmo, mas como uma prática, determinada por fatores sócio-histórico-culturais. O que, na verdade, queremos afirmar com isso é que a realidade concreta em que vive o homem, inclusive, a sala de aula, caracteriza-se como um espaço social mediado pela prática lingüística. E, nesse sentido, a língua é mais do que uma simples expressão do pensamento ou uma mera atividade comunicativa.

Embora se encontre em Ferdinand de Saussure explicação para aqueles que postulam uma concepção estática de língua - *a língua é em si mesma um sistema imutável* - , podemos observar que, por esta perspectiva, a língua que não muda não é a mesma exposta aos fatores externos, ou seja, aquela constituída pela historicidade e concretizada pela prática social.

Vale ressaltar que é natural na língua a mudança. As alterações nos costumes, nas idéias, nas práticas pedagógicas e em todos os setores da vida humana impõem, necessariamente, transformações lingüísticas. Discutindo a dinâmica social e sua influência na língua, Serafim da Silva Neto (1986:18) declara:

> *A língua é um produto social, é uma atividade do espírito humano. Não é, assim, independente da vontade do homem, porque o homem não é uma folha seca ao sabor dos ventos veementes de uma fatalidade desconhecida e cega. Não está obrigado a prosseguir na sua trajetória, de acordo com leis determinadas, porque as línguas seguem o destino dos que a falam, são o que delas fazem as sociedades que as empregam*.

Na realidade, o que percebemos é que as mudanças que se operam na língua partem das mudanças do homem. Assim sendo, a língua não é apenas um instrumento ou um meio de comunicação; ela se manifesta como uma prática social, em sentido estrito, visto que o termo “social” se refere ao homem. Todavia, a língua

não é simplesmente um fato social entre outros ou como outros, ela é o próprio fundamento de tudo o que é social, já que o homem se define em relação a outros homens, isto é, no estabelecimento de relações num mundo de relações.Além disso, a aceitação de língua como prática social faz com que o historiógrafo da língua abandone a simples observação dos fatos lingüísticos e assuma uma metodologia específica para tratamento desse objeto.

Enquanto prática social, portanto dinâmica, a língua se constitui para cumprir uma função própria do ser humano e, como conseqüência, deve corresponder às expectativas do homem e atender às suas necessidades nas relações sociais, tornando-se, por conta disso, um produto histórico em atividade. Nesta perspectiva, a língua não coincide com o sistema para se adequar ao tempo cultural, social e histórico. As transformações decorrentes das interações com a exterioridade não significam uma degeneração, como postulavam alguns estudiosos do século XIX, entre eles o alemão August Schleicher, nem progresso ou aperfeiçoamento, como defendia já no final daquele século o dinamarquês Otto Jaspersen. *As línguas mudam, porque têm história, constituem uma realidade em constante transformação no tempo*, conforme declara Eugênio Coseriu, (1979:57).

A tentativa de acomodar a epistemologia da HL no interior da Lingüística sem negligenciar sua característica interdisciplinar, levou alguns pesquisadores a estabelecer marcos de relacionamento, *a priori*, com a História e, *a posteriori*, com a História Intelectual, a Filosofia, a Filosofia das Ciências, a Sociologia e outras áreas das ciências humanas. Os conhecimentos resultantes da aproximação da Lingüística com as ciências sociais abrem-se a uma análise que não se prende unicamente à Lingüística, mas também ao espaço da contextualização em que se apreendem lingüisticamente o histórico e os dados de compreensão do homem. Assim, o historiógrafo da língua, ao dialogar com essas áreas de conhecimento, oferece perspectivas diferentes em função das especificidades de cada uma dessas áreas. O importante é a abertura que se deve ter em HL para a familiarização com as diversas teorias lingüísticas e práticas pedagógicas, bem como suas transformações em função de progressos científicos.

O debate atual sobre as parcerias que a HL faz com outras áreas de conhecimento levou alguns pesquisadores a pouco avanço face ao desenvolvimento dessa ciência. Exemplo disso ocorre quando da tentativa de estabelecer pontos de contatos entre a HL e a História das Idéias. Embora as discussões tenham sido

valiosas, observou-se que a falta de uma epistemologia definida para a História das Idéias revelou-se pouco proveitosa ao historiógrafo da língua, já que, muitas vezes, os pesquisadores daquela área se valeram do pós-estruturalismo francês e, no processo de interpretação do documento, apoiaram-se nas fontes e terminologias do presente antes de reconstruir o passado, ocasionando, por conseguinte, distorções. A especificidade da Lingüística como ramo de conhecimento e, dado seu objeto - a língua - apreendido em todas as suas manifestações, exige mais do que uma aproximação com a História das Idéias ou a História da Filosofia. Ainda que seja verdade o que acabamos de afirmar, vale lembrar que, se se pretende ter uma compreensão ampla do clima intelectual geral de uma época na qual determinadas teorias são desenvolvidas, a contribuição da História das Idéias torna-se imprescindível. De modo geral, podemos dizer que a História das Idéias amplia a noção de clima intelectual, na medida em que integra as teorias lingüísticas no contexto geral da época, inclusive, acatando como parte da constituição do clima intelectual a ação dos indivíduos que promovem atividade científica em determinado período.

De 1980 até hoje têm acontecido diversos encontros culturais nacionais e internacionais, publicações de teses e artigos científicos, bem como surgido debates sobre o campo, princípios de pesquisa e a metodologia da HL. Embora as discussões tenham avançado substancialmente, em virtude da explicitação de conceitos básicos, podemos dizer que, se não se chegou a uma unanimidade em pesquisa em HL, ao menos, abriram-se perspectivas totalmente novas e pertinentes ao tratamento histórico da língua. Entre as questões ainda em discussão, incluem-se problemas de procedimentos de pesquisas, tais como a periodização, a contextualização, a identificação das concepções lingüísticas, as implicações históricas na produção do documento, a influência de fatores externos de diferentes ordens, enfim, temas que dão margem a novos direcionamentos para uma pesquisa efetiva em HL. A simples explicitação desses termos revela a complexidade da pesquisa historiográfica na atualidade.

K.Koerner, tratando da questão dos princípios em HL, traz à tona uma discussão sobre o recurso da metalinguagem. Para o autor, o uso de terminologia do presente ou de termos técnicos da modernidade para interpretar o passado, seja da língua ou da Lingüística, gera problemas que podem ser solucionados pela metalinguagem. Assim, podemos diminuir possíveis equívocos advindos do não uso

do vocabulário técnico moderno na análise de documentos, se nos valermos do recurso da metalinguagem, que no campo da Lingüística, ainda não se discutiu profundamente. Isso porque as primeiras noções desse termo surgiram de discussões entre filósofos e matemáticos e, posteriormente, na Literatura, sempre designada como um procedimento para descrever idéias passadas sobre a linguagem e a Lingüística.

Para as perspectivas da HL, a metalinguagem se caracteriza como um recurso indispensável ao tratamento da língua, tornando-se, por conseguinte, uma ferramenta para o historiógrafo da língua, que identifica e descreve em documentos do passado o passado da língua e do homem, sem se esquecer que ele, o pesquisador, é um homem da modernidade. Para Marly de Souza Almeida (2003:92)

> *A metalinguagem pode ser esse recurso e está ao alcance de vários ramos do saber, uma vez que tudo pode ser transformado em linguagem. No que diz respeito à HL, a metalinguagem vai além das fronteiras de um conjunto de tecnologias para descrever as línguas em seus usos ou funções. É um conceito-chave enquanto diferenciador da linguagem, para que não se confundam os dois níveis em que ela permite operar: enquanto objeto de investigação e enquanto técnica de observação*.

Entre o passado e o presente há diferenças substanciais que não podem ser confundidas pelo historiógrafo da língua. É preciso não descuidar dos dados e concepções do passado e validá-los no interior do documento. A aplicação de teorias modernizantes para a interpretação do passado pode produzir um efeito distorcido na informação, ao mesmo tempo em que pode gerar inferências não autorizadas pelas pistas presentes no texto e no contexto em que o documento foi produzido. O recurso da metalinguagem pode ser um refreador dessa atitude e a ele devem ser somados, segundo K. Koerner, três princípios, que devem ser operacionalizados sucessivamente:

a) Princípio de contextualização - diz respeito ao levantamento do clima de opinião da época em que o documento foi produzido. Isso significa que o

documento a ser analisado não pode ser destituído de seu contexto histórico-cultural, das concepções lingüísticas, sócio-econômicas e políticas em circulação à época de sua produção.

b) Princípio de imanência - diz respeito ao levantamento de informações e ao estabelecimento de um entendimento amplo do documento, tanto no que concerne às teorias lingüísticas, quanto às abordagens em História, ambas em circulação no momento de produção, tendo em vista que o documento materializa as concepções histórico-intelectuais da época. Esse princípio visa a levar o pesquisador em HL a não interferir com concepções, dados e terminologias atuais no processo de investigação do documento selecionado. Na verdade, o princípio de imanência produz um efeito restaurador do passado e possibilita a compreensão do documento e, somado ao princípio de contextualização, constitui-se como uma diretriz segura para a operacionalização do processo de interpretação que se consolida pela prática do princípio que apresentamos a seguir.

c) Princípio de adequação teórica – diz respeito à possibilidade de o historiógrafo da língua reatualizar o documento, aproximando-o, no processo de interpretação, das teorias e terminologias atuais, a fim de que o homem moderno possa compreendê-lo com mais facilidade. Este princípio requer que o pesquisador, *a priori*, tenha compreensão do passado, presente no documento e, posteriormente, interprete, à luz de tendências modernas, os dados registrados nele. Processa-se por este princípio uma atividade hermenêutica, cujo objetivo é realçar os fatos do passado, mediados pelas preocupações do presente, para torná-los, na atualidade, socialmente úteis e necessários ao homem.

As fontes documentais não se configuram como um espelho fiel da realidade, entretanto, estão abertas à interpretação do historiógrafo da língua, que também compõe com elas a história. As aproximações dos dados do contexto e os elementos da dimensão interna da língua permitem-nos desvendar, revelar e sistematizar as interações materializadas no documento. Além disso, as informações passadas, impressas no documento, surgem para o historiógrafo da língua não só como representativa de uma época, mas também como uma possibilidade de

reconstituição de uma realidade para, primeiramente, recuperá-la e depois traduzi-la para a ciência de nosso tempo.

Os tópicos aqui apresentados não se esgotam e nem tampouco esclarecem todas as questões epistemológicas e metodológicas da HL. Não era nossa intenção. Quisemos apenas evocar orientações que se fazem possíveis de aplicabilidade àqueles que pesquisam nessa área e desvendar as possibilidades de a HL integrar questões práticas de ensino de língua materna. Propositadamente, negligenciamos abordar outros temas internos à HL, que estão por merecer discussões bem amplas.

De qualquer maneira, a HL está aí, constrói sua história, propõe uma pesquisa interdisciplinar pertinente e exige de seu pesquisador, no processo de investigação, conhecimento lingüístico em diversos níveis, profundo conhecimento histórico e uma visão ampla de cultura. Na prática pedagógica, a HL, associada a dados histórico-culturais, oferece, sem dúvida, contribuição importante às atividades de sala de aula, na medida em que leva o docente a pensar cientificamente a relação língua-história e os alunos e reivindica nova postura didático-pedagógica, principalmente, ao incentivar o professor a ser sujeito de sua prática.

.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Marly de Souza. *Metalinguagem e Identidade Lingüística Brasileira na Sátira Poética de Oswald de Andrade*. Tese de doutoramento. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2003.

COSERIU, Eugênio. Sincronia, diacronia, História. São Paulo; Presença, 1979.

ECO, Umberto. *Interpretação e Superinterpretação*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

FARACO, Carlos Alberto. *Lingüística Histórica*. São Paulo: Ática, 1998.

KOERNER, Konrad. *Toward a Historiography of Linguistics*: Selected essays. Amsterdam: John Benjamins, 1978.

_____. *Progress in Linguistic Historiography*. Amsterdam: John Benjamin, 1980.

_____. *Practicing Linguistic Historiography*. Selected essays. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 1989.

_____. *Professing Linguistic Historiography. John Benjamin Amsterdam/Philadelphia, 1995*.

KHUN, Thomas S. *A estrutura das Revoluções Científica*s. São Paulo: Perspectiva, 2001.

NASCIMENTO, Jarbas Vargas. *Bases Teórico-Metodológicas da Historiografia Lingüística.* São Paulo: PUC/SP, 2002. mimeografado.

NASCIMENTO, Jarbas Vargas (org). *Historiografia Lingüística. Rumos Possíveis*. São Paulo: Pulsar, 2006.

SILVA NETO, Serafim da Silva. *Capítulos da História da Língua Portuguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova presença, 1986.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. *Um Discurso sobre as Ciências*. 13ª.ed.,Porto:Afrontamento, 2002.